

# **Epistemologia das garrafadas: experiências e habilidades<sup>1</sup>**

Giovanna Luiza Santos Vale – UFPB

Gisela Macambira Villacorta – UNIFESSPA<sup>2</sup>

## **Introdução**

Esse trabalho foi desenvolvido a partir da pesquisa que realizei, na área da Antropologia da Religião e apresentei como trabalho de conclusão de curso, ao fim da graduação em Ciências Sociais que cursei entre os anos de 2014 e 2018. O objetivo desse trabalho é apresentar o processo de produção das Garrafadas<sup>3</sup> caseiras e lançar questões sobre práticas xamanísticas na cidade de Marabá/Pa.

Esse trabalho será dividido em três partes. (I) Apresento como se deu minha iniciação antropologia nesse campo de pesquisa e como desenvolvi essa pesquisa nas feiras urbanas da cidade de Marabá, além de definir o conceito de Etnografia e Trabalho de campo. (II) Apresentarei uma breve contextualização teórica dos conceitos que são utilizados nesse trabalho e me deram subsídios para avançar. (III) Sistematização e apresentação dos dados do trabalho de campo, através da abordagem da escrita etnográfica.

Em suma a proposta desse trabalho é trazer à tona uma discussão antropológica e lançar questões acerca da manifestação do Xamanismo Urbano em marabá, propor as Garrafadas como Epistemologias, que “o reconhecimento desta acaba por situar-nos num universo que se apresenta diverso daquele estabelecido pela hegemonia da narrativa científica.” (STEIL e CARVALHO, 2014 p.173).

## **Iniciação antropológica e o trabalho de campo**

O que considero como campo? Onde é o meu campo? São questionamentos que me acompanharam ao longo de meu processo criativo de escrita. Meu campo começa em maio de 2018, depois de um momento de catarse, que passei na universidade, o que teve relação direta com meu processo de produção do atual trabalho. Comecei a pesquisar sobre Garrafadas, tendo como ponto de partida um “deslocamento epistemológico”.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

<sup>2</sup> Gisela Macambira Villacorta – professora Dra. em Ciências Sociais – concentração em Antropologia, foi minha orientadora no período em que fiz este trabalho. Contribuindo assim, para o desenvolvimento desse texto e orientando minha primeira incursão em campo.

<sup>3</sup> As garrafadas são misturas de ervas e outros elementos da natureza com vinho branco ou água, geralmente produzidas artesanalmente, que tem por objetivo auxiliar em diversos problemas relacionados a saúde.

Imbuída pela teoria clássica malinowskiana, onde “o etnógrafo de campo deve analisar todos os fenômenos que caracterizam cada aspecto da cultura tribal” (MALINOWSKI, 1978 p. 12) começo uma busca pela ideia que criei sobre campo, baseado nas etnografias clássicas, buscando a totalidade. Entrei em “campo” buscando xamãs, processos xamanísticos e rituais, dentre outros aspectos que eu idealizei para o meu campo. Além disso, não era o meu propósito enquanto etnógrafa criar um “campo de pesquisa artificial” (MALINOWSKI, 1978).

O que encontrei foi totalmente na direção oposta às expectativas criadas. Não encontrei pajés ou xamãs, que se auto denominavam enquanto tal, nem curandeiras, feiticeiras com porções ou fazendo trabalhos espirituais, como eu achava que poderia ser. O que eu encontrei foram muitas pessoas, com conhecimento simples, assim denominado por elas, mas que ao meu ver enquanto antropóloga se faz complexo, sobre plantas, flores, ervas e frutos. Mulheres que construíram seu conhecimento a partir de experiências próprias, ou com suas famílias e amigas/os.

Essas mulheres não se denominavam xamãs ou curandeiras, não era nada que estivesse distante da minha realidade, elas estavam mais próximo do que eu imaginava, eu enquanto mulher amazônica produzindo conhecimento, me distanciei, do que é tão presente na realidade das mulheres da minha região – o uso das plantas como agentes de cura na nossa vida cotidiana. São, mulheres, trabalhadoras, mães, avós, tias, católicas, evangélicas, que tem conhecimento sobre “fórmulas”, combinações e chás de ervas e plantas para determinado fim. Seu conhecimento não é científico, nem “recebido” da geração passada, mas sim desenvolvido, a partir das próprias experiências, movidas por suas próprias demandas, das quais buscarei dissertar mais adiante.

Após o contato direto com o campo e a quebra de paradigmas preconcebidos sobre a pesquisa de campo, começo o exercício de desenvolver a minha pesquisa etnográfica na perspectiva de um “trabalho de campo pós-malinowskiano”, segundo Bruce Albert:

O que se esvai cada vez mais as ilusões epistemológicas em que a antropologia clássica se baseava. Isto é, [...], a evidência empírica da circunscrição de seu objeto – “a sociedade tradicional” como um isolado social e cultural bem definido – e, em segundo lugar, a transparência científica de sua metodologia. (ALBERT, 2014 p. 130)

Comecei a tratar o conhecimento de minhas interlocutoras e os meus dados como legítimos. Desenvolvi minha escrita etnográfica a partir do conhecimento de três mulheres – a Dona Bia, a Dona Sueli e a Dona Auxiliadora, que contribuíram com a

construção do conhecimento acerca das garrafadas descrito nessa pesquisa. O conhecimento dessas mulheres considero aqui como Epistemologias, daí o título desta pesquisa. Reconhecer epistemologias diversas nos transporta para um universo muito mais amplo do que o estabelecido pela hegemonia da narrativa científica (STEIL e CARVALHO, 2014, p. 173), onde o conhecimento não se dá apartado da experiência.

Assim, o que venho definir como campo de pesquisa etnográfico são os espaços, onde encontrei a presença e a produção dessa epistemologia, como por exemplo, as feiras urbanas da cidade de Marabá. Minha pesquisa se deu de forma “nômade”, pois tive mais de um espaço específico de pesquisa, o que por muitas vezes me trouxe a sensação de não estar sendo “antropóloga” o suficiente, o que precisei desconstruir ao longo do exercício de pesquisa e de escrita, assim como outros paradigmas que encontrei no início desse caminhar da pesquisa antropológica.

## **Os Xamanismos**

O objetivo desse tópico é lançar olhar para as definições do conceito de Xamanismo, através de breve exposição e situar o leitor sobre quais são as perspectivas pensadas por esse trabalho, pontuando alguns conceitos teóricos-metodológicos com os quais trabalhei no decorrer da pesquisa. É importante destacar que esse estudo tem como foco analisar as garrafadas e sua possível conexão com práticas xamanísticas, tendo como campo de pesquisa as feiras urbanas da cidade de Marabá – Pará<sup>4</sup>.

Inicialmente Xamanismo foi definido como um conjunto de técnicas de êxtase (ELIADE, 1951)<sup>5</sup> que uma “comunidade tradicional”, no papel do xamã, desenvolvia para se comunicar e entrar em contato com entidades sagradas e sobrenaturais, com o objetivo de promover a cura, melhoria ou defender, a comunidade. No entanto, quando em contexto urbano o xamanismo se reconfigura, abrindo espaço para outras práticas xamânicas e novas formas de praticá-las. De acordo com Magnani (1991) as práticas xamanísticas começam a adentrar as cidades a partir da década de 1990, com a emergência de novas práticas religiosas não institucionalizadas.

---

<sup>4</sup> A ideia parte da análise de práticas xamanísticas em uma cidade localizada no sudeste paraense. Não é objetivo do trabalho formular análises heterogêneas e generalizantes sobre xamanismo na Amazônia. Tendo em vista a complexidade das práticas xamânicas e a diversidade que o estado do Pará agrega.

<sup>5</sup> Embora existam várias críticas atualmente ao modelo universalizante do xamanismo definido por Eliade, cito este autor para dar uma noção ao leitor, ainda que brevemente, por onde caminharam as perspectivas do conceito sobre xamanismo.

Sabemos que no Brasil existe uma grande diversidade de grupos religiosos, doutrinas religiosas e religiosidades em constante ascensão, práticas religiosas, místicas e esotéricas “que incluem desde a oferta de livros, oráculos, sistemas adivinhatórios, rituais ocultistas, práticas corporais de inspiração oriental, terapias alternativas e o consumo de produtos naturais” (MAGNANI, 1999, p. 28). Tais práticas fazem parte de um “Circuito Neo-esotérico” que se movimenta através dos grupos de classe média dos grandes centros urbanos que podemos classificar aqui como alternativos, percursos do que se conhece como “Nova Era” e/ou “Nova Consciência Religiosa” (SOARES, 1994).

De acordo com Lèrger (1999) ocorre a bricolagem de crenças, as/os praticantes têm liberdade e autonomia no desenvolvimento e construção de seus sistemas de fé que, as manifestações religiosas se disseminam e estão cada vez menos associadas a instituições. Assim existe autonomia individual e coletiva, para o exercício das práticas Xamanísticas e Neo-esotéricas.

o Xamanismo em sua versão “clássica”, desempenha um papel condicionante e estrutural, em uma comunidade indígena, por exemplo. O xamanismo é uma instituição direta e organicamente ligada à vida social “tribal” no papel do xamã (MAGNANI, 2005), atua em diversas situações desde mediação de conflitos e cura de doenças. O xamanismo não está desconectado da vida pública, como é o caso da religião nas sociedades ocidentais. Sobre o Xamanismo Urbano, esse não é a transposição do xamanismo clássico das sociedades indígenas para as cidades. Trata-se de uma nova construção, que em cujo processo de elaboração entram elementos e traços tanto do referencial indígena como de outras vertentes. No Xamanismo Urbano, a função do Xamã não recai sob um indivíduo iniciado, que passou por diversas experiências de aprendizagem, tal traço assume características particulares, pois essa função – do xamã, não é necessariamente atribuída ou encomendada a um especialista: todos podem exercê-la (MAGNANI, 2005).

No contexto urbano o Xamanismo se manifesta na busca individual por experiências com o “sagrado”, “divino”, “sobrenatural” (existem outras denominações), o que possibilita que todos e todas tenham possibilidades de empreender práticas xamânicas (MAGNANI, 2005). O Neo-Xamanismo existe nos circuitos por onde circulam substâncias, objetos, conhecimentos e tradições, “novos modelos de espiritualidade, terapia, consumo e sociabilidade, em que a tradição se torna um recurso simbólico e retórico fundamental” (FERNANDES Apud. OLIVEIRA, 2012, p. 32).

Nesse sentido apresentarei o circuito das Garrafadas enquanto materialidades existentes, tendo papel central nas relações estabelecidas entre especialistas e pacientes, através da cura, que podem pertencer a um conjunto de novas práticas xamanísticas presentes no contexto urbano. Quando tratamos a materialidade das coisas, temos a noção de que as coisas são objetos inanimados e, portanto, sem vida, no entanto, a materialidade existe não apenas como produto dos seres humanos. “As coisas estão vivas, como já notei, porque elas vazam” (INGOLD, 2012 p.32).

### **Epistemologia das Garrafadas**

Para desenvolvimento dessa pesquisa mapeei três núcleos da cidade de Marabá/PA, pelos quais percorri em busca das garrafadas, como feiras e lojas de produtos naturais/orgânicos. As lojas encontradas trabalham com remédios naturais, incensos, sabonetes, garrafadas, remédios fitoterápicos, ervas medicinais, chás, lambedor, óleos essenciais, banhos de cheiro entre outras substâncias classificadas como naturais/orgânicas. No bairro Nova Marabá encontrei seis (6) espaços de comercialização de produtos naturais, no bairro Marabá Pioneira foram encontrados quatro (4) espaços e no bairro Liberdade/Novo Horizonte foram encontrados sete (7) espaços. Os espaços encontrados consistem em lojas de grande, médio e pequeno porte, barracas, stands e box montados nas feiras urbanas.

A partir de um breve contato com os espaços que mapeei, busco estabelecer uma conexão com a classificação de Magnani (2005) de circuitos “Neo-esotéricos”<sup>6</sup> e os espaços encontrados por mim, tendo em vista que essas manifestações se dão em espaços e contextos completamente diferentes. De acordo com o autor, “grupos de caráter comercial, são os que mantem com o universo do neo-esoterismo uma relação mais instrumental e pragmática do que doutrinaria” (MAGNANI, 2005, p.31), fazendo parte dos que ele classifica como “pontos de venda”.

### **Especialistas**

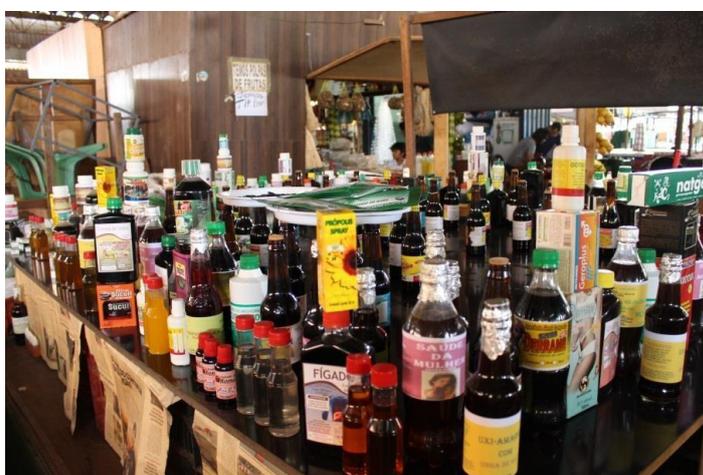
Nesse tópico irei apresentar uma de minhas interlocutoras, definidas como especialista, que tive contato durante a pesquisa, a Dona Bia. Todos os dados aqui expostos, inclusive os nomes, estão sendo divulgados mediante a autorização.

---

<sup>6</sup> Existem práticas de um circuito, que eu gostaria de atrelar ao circuito neo-esotérico definido por Magnani, porém não houve tempo suficiente para maior imersão em campo e delimitação de um circuito neo-esotérico nos termos definido por este autor, por isso defino como circuito das garrafadas.



Fotografia 1 – autora  
“Feira coberta da Laranjeiras”  
2018



Fotografia 2 – autora  
“Banca do Seu Francisco – Feira coberta da Laranjeiras”  
2018



Fotografia 3 – autora  
“garrafada saúde da mulher – Atacadão das Ervas (folha 28)”  
2018

O primeiro lugar que fui em busca das garrafadas foi a feira coberta localizado no bairro Marabá pioneira. A primeira pessoa que tive contato foi Dona Bia, como ela se apresentou. Dona Bia foi minha primeira interlocutora. Ela reside no bairro laranjeiras na cidade de Marabá e trabalha como feirante na Feira Coberta da Velha Marabá. A garrafada é um dos produtos que Dona Bia comercializa em sua banca.

Encontrei Dona Bia sentada em uma cadeira atrás de uma mesinha, sua banca, que ela tem exposto seus produtos para venda: as garrafadas, hortaliças, verduras etc. Em um primeiro contato ela me falou que tinha em sua banca garrafada para gastrite, inflamação no útero e cisto. Aqui me debruçarei em pesquisar as garrafadas relacionadas à saúde das mulheres, portanto, os componentes presentes na garrafa para inflamação no útero são: Barbatimão, Ipê roxo, Agoniada, Jatobá, Unha de gato e Aroeira.

Voltei à banca de dona Bia, outro dia, me apresentei enquanto discente de graduação da UNIFESSPA<sup>7</sup> e fiz uma apresentação breve sobre a minha pesquisa. O que trouxe certo desconforto a nossa conversa, por motivos que eu desconheço. Nesse momento houve uma ruptura, e dona Bia afirmou não saber como me ajudar, além de me oferecer sua garrafada. Tentei explicar qual era meu objetivo e que não fazia parte de minha pesquisa encher as interlocutoras de perguntas incômodas. Mas pouco adiantava eu saber disso, já estava ali dada a situação hierárquica, conhecimento científico x conhecimento não científico. Eu, que representava a instituição ciência x Dona Bia, representando o que a ciência julga como um “saber tradicional”.

Depois de alguns encontros e conversas com Dona Bia, perguntei se eu poderia gravar nossa conversa e Dona Bia me respondeu que sim. Fiz uma espécie de entrevista sem roteiro prévio, um diálogo, uma troca. Dona Bia, assim como outras mulheres, conheceu a garrafada através de experiências particulares, alguém que indicou para alguém, que indicou para ela e funcionou. Assim que tomou a garrafada Dona Bia engravidou, o que é bem comum entre as adeptas desse tipo de remédio, costuma-se dizer que o “menino está dentro da garrafa”.

Inclusive muitas mulheres que estão tentando engravidar procuram o tratamento com a garrafada, acredita-se que além da limpeza do útero e regulação hormonal a

---

<sup>7</sup> Universidade Federal do Sul e Sudeste do Para, onde concluí minha graduação em Ciências Sociais em 2019



Fotografia 3 – autora  
“Banca da Dona Bia”  
2018

garrafada também age na fertilidade das mulheres, sendo comum quando você vai utilizar a garrafada, a pessoa que vende/produz, falar acerca da gravidez e/ou contar algum relato que exemplifique essa experiência.

*Só que eu mesmo vim começar a fazer depois que eu tive um problema de hemorragia. Tava (sic) em princípio de hemorragia (...) e eu sempre falei, sempre gostei de conversar com as pessoas, ai uma colega perguntou “e como é que a senhora tá?”, eu to bem, mas o negócio é que eu to (sic) com a minha menstruação descendo vento em polpa aqui, ai ela pegou e me ensinou, tome isso, tome verônica, tomei uxi amarelo e unha de gato. Ai eu fui lá e comprei, ai era o tempo do noni, que tava na febre do noni, ai servia pra tudo? servia. Ai eu comprava e fazia e vendia pro povo, o noni no vinho, no suco, ai essa época eu fiz essa de casca de pau, fiz uma de noni, porque eu vendia, ai tirei um litro e meio pra mim, ai comprei uma romã e coloquei no vinho, uma romãzona grande, cortei ela em pedacinho e botei no vidro, ai eu tomei essas três garrafadas e repeti todas três, ai pronto (DONA BIA, 2018).*

Com a garrafada, dona Bia conta que sua menstruação ficou normal novamente, “ficou boa” e a partir dessa experiência ela começou a produzir garrafadas para vender. Sua produção para comercialização aconteceu quase que simultaneamente com sua primeira experiência com a garrafada. Nesse caso a experiência de Dona Bia foi um fator predominante para o desenvolvimento de seu conhecimento sobre as garrafadas, pois foi a partir de sua experiência que ela começou a produzir as garrafadas. Esse conhecimento não lhe foi depositado, passado por alguém ou alguma tradição, trata-se de um processo de habilitação, no qual o conhecimento não é passado como um conjunto de representações de uma geração à outra e sim desenvolvido como habilidade a partir da

experiência em habitar o ambiente. “Devo argumentar que, nosso conhecimento consiste, em primeiro lugar, em habilidades, e que todo ser humano é um centro de percepções e agência em um campo de prática” (INGOLD, 2010 p. 7).

Para o preparo das garrafadas mais comuns – para inflamação, Dona Bia conta que ela compra um saquinho de 100 gramas de cada um dos ingredientes e os divide, cada um em quatro medidas. Após as quatro medidas separadas ela as junta em garrafas pet de dois litros e as preenche com água fervida e deixa descansar por aproximadamente 24 horas. Após esse período as garrafadas estão prontas para uso.

É importante compreender que o conhecimento de Dona Bia sobre o preparo das garrafadas não é universal, tampouco a minha interpretação desse conhecimento é unanime, pois “ninguém, ainda mais o etnógrafo visitante – pode ter acesso a esse de saber, a não ser por meio de uma série infinita de encontros circunstanciais e perpassados pelo poder” (CLIFFORD, 2016, p.39). Além disso, Dona Bia afirma que qualquer pessoa pode fazer a garrafada.

Entretanto, quando a questiono sobre a “mão” de quem faz, ela afirma: “Sim, tem isso e tem a fé também”. Por isso, apesar de existir a possibilidades de todas as pessoas produzirem uma garrafada, a fé é imprescindível para se alcançar o resultado esperado. Pois, a fé é o caminho para a cura. É possível observar na fala de todas as interlocutoras desse trabalho a presença da crença de forma incisiva, não no sentido de uma religião institucional, mas no de crer no poder de cura das garrafadas, o que me remete a uma das falas de Dona Auxiliadora<sup>8</sup>, onde ela afirma que fazer remédios caseiros foi um dom que Deus à deu.

No trecho a seguir, fica perceptível a relação que Dona Bia estabelece com suas clientes. Pois, para ela a cura propiciada por seus remédios é motivo de felicidade, essa relação especialista-paciente, faz parte do atendimento, se dá para além da relação comercial de troca, se estabelece também o cuidado e a fé. O que se faz interessante, tendo em vista o fato de que, todas as especialistas que entrevistei serem religiosas (evangélicas e católicas), o que não as impede de continuar produzindo as garrafadas como “opções” alternativas de cura. Além de uma fonte de renda, a produção e venda das garrafadas, por Dona Bia, expressa um elemento de interação, cuidado e satisfação.

---

<sup>8</sup> Dona Auxiliadora foi a segunda Especialista que tive contato nesta pesquisa, que não será exposto nessa versão.

*(...) quando eu faço remédio, eu digo, olha não porque eu queira só vender, mas o remédio caseiro ele tem que ser tomado por muito tempo, porque o efeito dele não é logo de imediato como o antibiótico, ele cura, mas pessoa tem que tomar... Eu digo pela menina que tomou ali, ela tinha muito micro cistos no ovário, ela tomou três daquela de dois litros (...) e tudo que ela tomou, desinflamou e quando ela menstruou começou a sair. Quando ela me contou, eu fui lá em Dona Elia e contei, ela falou assim: “É, mas é bom quando a gente faz uma coisa pra pessoa que da certo, que fica bom, que cura”.* (Dona Bia, entrevista realizada em 15/06/2018)

Começo a estabelecer uma relação com o campo que eu mesma desconheço, pois não tenho um campo fixo, demarcado. A partir das minhas conversas com Dona Bia começo a desvendar o circuito das garrafadas na cidade de Marabá. O que parecia inexistente há um tempo começa a surgir agora. Dou-me conta de que com o andamento da pesquisa, mais meu campo se mostra. Se antes a preocupação era não ter campo, agora uma minha inquietação pairava em defini-lo, pois meu relato etnográfico surge de um campo diverso, onde minhas interlocutoras não estão em apenas um espaço homogêneo, mas sim em variadas cenas do contexto urbano.

Portanto parto do pressuposto de que estou em contato com um campo nômade, onde existe um circuito urbano que nele estão inseridas diversas histórias, epistemes, habilidades e experiências. Com isso, é necessário compreender que a garrafada, assim como o remédio caseiro, não é tratada e nem produzido na lógica da medicina ocidental, portanto, não de maneira universal. Pois, como já exposto, os conhecimentos sobre a produção das garrafadas e as experiências estão vinculadas, sendo assim, cada uma das interlocutoras desse trabalho tiveram/tem experiências diferentes e conseqüentemente produções distintas.

Algumas vezes Dona Bia me indicou que fosse até uma senhora chamada Sueli, proprietária da Loja Casa das Ervas e Temperos, localizada no bairro Laranjeiras. Segundo Dona Bia, a Sueli teria muitas “informações” para me passar. Dona Bia, diversas vezes me falou que não tinha como me ajudar, pois ela não sabia muita coisa. Isso faz parte de todo esse movimento hierárquico e classificatório, que desconsidera e marginaliza a existência da diversidade, além das questões de gênero e raça, que eu acredito, perpassam afirmações como essas.

Concluindo, compreendo este conhecimento sobre as garrafadas como contínuo e em movimento, não é passado “culturalmente” de uma geração para outra, faz parte de um processo contínuo de experiências, “uma malha de linhas entrelaçadas de crescimento e movimento” (INGOLD, 2012 p. 27).

## Lançando questões...

Em linhas gerais, busquei apresentar as garrafadas em Marabá como epistemologias, a partir do conceito de “epistemologias ecológicas” que possibilitou a ampliação do meu campo de visão, avançando fronteiras estabelecidas pelo conhecimento científico. As garrafadas, acredito, se conecta com o Xamanismo em um aspecto central – A cura. Assim, penso ser possível considerar e lançar a produção das garrafadas como uma prática xamanística que vem surgindo no contexto urbano.

o conceito epistemologias ecológicas é necessariamente plural, na medida em que não pretende designar uma unidade teórica, mas uma área de convergência de novos horizontes de compreensão, diferentes daqueles que sustentam as dualidades mencionadas e a externalidade de um sujeito cognoscente humano fora do mundo, da natureza e independente de seus objetos de conhecimento. As epistemologias ecológicas contrapõem-se à perspectiva representacional. Partem de uma premissa compartilhada de que os significados, os conceitos e as abstrações que resultam do processo do conhecimento não constituem um mundo à parte em relação à matéria e às coisas. Conhecer é fundamentalmente uma habilidade que adquirimos na relação com outros organismos e seres que habitam o mesmo mundo [...] (STEIL e CARVALHO, 2014 p. 164).

É possível observar ainda que não existe uma relação direta entre curador-paciente, pois nesse contexto, a cura é promovida pela garrafada, a materialidade, onde qualquer pessoa pode ter ou desenvolver a habilidade de produzi-las. As Especialistas em garrafadas, aqui citadas são mulheres que desenvolveram a habilidade de produzir garrafadas a partir de experiências particulares com doenças e do contato com as plantas, ervas e raízes, onde cada uma dessas “coisas” oferecem uma infinidade de usos. Todas as especialistas começaram a produzir a garrafada após terem tido experiências de serem curadas de algum problema de saúde com o uso da garrafada.

É de suma importância o debate e estudo acerca dessas epistemologias, pois tratar esse conhecimento como válido é importante e percebê-lo como um processo em desenvolvimento, pois ele é desenvolvido na medida em que é conhecido e experienciado. Busco situar a produção das garrafadas não na lógica que separa a experiência humana e conhecimento de mundo, responsável também por dicotomias como natureza x cultura, pelo contrário, a garrafada reverbera enquanto uma epistemologia que surge a partir do engajamento humano no ambiente, no que Ingold (2015) vem a definir como “malha”, onde estamos com todos os organismos “tecendo” a vida.

Assobiar uma melodia ou contar uma história que você ouviu no passado é como andar pelo campo ao longo de um caminho que você já percorreu antes

em companhia de outra pessoa. Você se lembra à medida que *vai andando*, sendo que aqui 'ir andando' significa encontrar seu próprio caminho pelo terreno de sua experiência. (INGOLD, 2010 p. 23)

Assim, esse trabalho permitiu minha reflexão acerca de uma reconfiguração metodológica, percebendo os deslocamentos como importantes à ciência que construiu o conhecimento sobre o outro e não com o outro (CARVALHO e STEIL, 2014). Nesse sentido, faz-se importante repensar os modelos científicos que nos foram impugnados a fim de romper paradigmas que nos fazem construir uma ciência positivista, hierárquica e com ideias preconcebidas, que coloca a cultura e natureza como partes do universo totalmente distintas.

Foi possível observar em campo essa relação das pessoas, principalmente das Especialistas em Garrafadas, que para produção de conhecimento não é necessário que haja um distanciamento do ambiente, pelo contrário, é necessário experiências. Assim, natureza e cultura, humanos e não-humanos, todos os organismos fazem parte de um mesmo mundo, onde nele habitamos e existimos desenvolvendo fluxos de conhecimento contínuo e distintos.

Assim, finalizo este trabalho, lançado mais questões para discussão do que conclusões, a fim de problematizar os conceitos utilizados. A escolha por esse grupo de trabalho se deu a fim de buscar compreender autores e conceitos utilizados nessa área de pesquisa que estão presentes nesse gt. No mais, as interpretações aqui lançadas estão em desenvolvimento, estando essa pesquisa ainda em processo de amadurecimento e construção.

## Referências

ALBERT, Bruce. “Situação Etnográfica” e Movimentos Étnicos. Notas sobre o trabalho de campo pós-malinowskiano. **Campos - Revista de Antropologia Social**, [s.l.], v. 15, n. 1, p.129-144, 30 jun. 2014. Universidade Federal do Parana.

CEMIN, Arneide. Xamanismo: algumas abordagens teóricas. **Revista de Educação, Cultura e Meio Ambiente**, Porto Velho - Ro, v. 15, n. 7, p.61-98, jan. 1999.

CLIFFORD, James; MARCUS, George E.. **A Escrita da Cultura: Poética e Política da Etnografia**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2016. 388 p. Tradução: Maria Claudia Coelho.

DASILVA, Sergio Baptista; GIUMBELLI, Emerson; QUINTERO, Pablo. O xamanismo e suas múltiplas manifestações e abordagens. **Horizontes Antropológicos**, [s.l.], v. 24, n. 51, p.7-15, ago. 2018. FapUNIFESP (SciELO).

ELIADE, Mircea. **O Xamanismo e as Técnicas Arcaicas do Êxtase**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. 576 p.

HERVIEU-LÉRGER, Danièle. **O Peregrino e o Convertido: A religião em movimento**. Petrópolis, Rj: Vozes, 2008. 238 p. Tradução: João Batista Creuch.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, [s.l.], v. 18, n. 37, p.25-44, jun. 2012. FapUNIFESP (SciELO).

INGOLD, Tim. **Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis, Rj: Vozes, 2015. (Coleção Antropologia). Tradução: Fábio Creder.

INGOLD, t. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. Tradução: Beatriz Perrone.

MAGNANI, José Guilherme. **Mystica Urbe: Um estudo antropológico sobre o circuito neo- esotérico na metrópole**. São Paulo: Studio Nobel, 1999. (Coleção cidade aberta).

MAGNANI, José Guilherme. **O Brasil da Nova Era**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. 63 p.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Unesp, 1998.

STEIL, Carlos Alberto; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Epistemologias ecológicas: delimitando um conceito. **Mana**, [s.l.], v. 20, n. 1, p.163-183, abr. 2014. FapUNIFESP